



MEMÓRIAS DE EVANGELIZAÇÕES JUNTO AOS POBRES NA DIOCESE DE PORTO NACIONAL-TO (1978-1985)

MEMORIES OF EVANGELIZATION WITH THE POOR IN THE DIOCESE OF
PORTO NACIONAL-TO (1978-1985)

Vasni de Almeida¹

*Janildes Cursino Sarzêdas^{**}*

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar o envolvimento de padres e freiras em atividades religiosas da Diocese de Porto Nacional-TO, que atuavam na defesa de trabalhadores atingidos por políticas agrárias que os excluíaam do acesso à terra. A justificativa para empreender o estudo está assentada na ideia de que o catolicismo engajado em questões políticas e sociais ainda precisa ser mais analisado, levando-se em consideração as práticas de seus sujeitos históricos. Para a compreensão dessas práticas, realizamos entrevistas seguindo orientações metodológicas na perspectiva da História Oral, na busca de compreender elementos históricos não privilegiados em pesquisas documentais. Por meio de relatos de experiências emergiu um catolicismo identificado com a Teologia da Libertação e que buscava inserção entre os fiéis valorizando a religiosidade popular. Para a compreensão da afinidade entre o catolicismo engajado e o catolicismo praticado em regiões interioranas nos guiamos pelas considerações de Hoornaert (1974), sobre o catolicismo popular. Para analisar as entrevistas realizadas, amparamo-nos nas concepções sobre os usos da memória, de Meihy (1994) e Bosi (1995).

Palavras-chave: Teologia da Libertação; Conflitos no Campo; Catolicismo Popular.

¹ Doutor em História. Docente do Curso de Graduação em História da UFT, Campus de Porto Nacional. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em História das Populações Amazônicas, Mestrado Profissional.

^{**} Mestranda no Programa de Pós-graduação em História das Populações Amazônicas, PPGHispan, UFT. Graduada em História.



ABSTRACT

The aim of this article is to evaluate the engagement of priests and nuns in religious activities in the Diocese of Porto Nacional -TO, who worked in the defense of workers affected by agrarian policies that excluded them from access to land. The explanation for undertaking the study is based on the idea that Catholicism which is engaged in political and social issues still needs to be further investigated, taking into account the practices of its historical subjects. In order to understand these practices, we conducted interviews, following the methodological guidelines, from the perspective of Oral History, in the search of understanding historical elements not covered in documentary research. Through reports of experiences, a Catholicism identified with Liberation Theology emerged which sought insertion among the faithful, valuing popular religiosity. With regards to understand the affinity between committed Catholicism and Catholicism practiced in interior regions, we are guided by Hoornaert's (1974) considerations about popular Catholicism. To analyze the interviews carried out, we rely on the conceptions about the uses of memory, by Meihy (1994) and Bosi (1995).

Keywords: Liberation theology, Conflicts in the countryside, Popular Catholicism.

1 INTRODUÇÃO

Os princípios da Teologia da Libertação (TL) influenciaram muito o discurso religioso católico brasileiro nas décadas de 1970 e 1980, mas perderam força nas primeiras décadas do século XXI. Na atualidade, cada vez mais, o catolicismo brasileiro vai sendo impactado por uma religiosidade mais carismática e individual do que social. Todavia, ainda que sem a força dos anos iniciais da redemocratização brasileira, o catolicismo engajado nas questões sociais ainda é praticado e está arraigado na memória dos que dele participam ou participaram. É sobre essa memória que nos debruçamos neste artigo.

A TL, em muito, é devedora de documentos oriundos do Concílio Vaticano II (1962-1965) e da Segunda Conferência de Medellín (1968). Essa teologia, desde seu surgimento, foi marcada pela preocupação com os pobres do terceiro mundo na década de 1960 (SILVA, 2006). O Papa João XXIII alertava para um catolicismo atento às necessidades das classes trabalhadoras, às condições da mulher na sociedade patriarcal e a todas as formas de dominação colonial.

No Brasil, a TL apresenta ligações com movimentos anteriores ao Vaticano II, como a Juventude Agrária Católica (JAC), a Juventude Operária Católica (JOC), a Juventude Universitária Católica (JUC), o Movimento de Educação Básica (MEB), as escolas

radiofônicas e as primeiras CEB's - Comunidades Eclesiais de Base (BOFF; BOFF, 2010).

No estado do Tocantins, parte do antigo norte goiano, ações afinadas com a TL foram desencadeadas na Diocese de Porto Nacional após 1975, notadamente nos anos finais da Ditadura Militar (1978-1985). Essa diocese foi criada em 20 de dezembro de 1915, pelo papa Bento XV, e oficializada pela Bula *Apostolatus officium*, publicada em janeiro de 1916. Tendo como sede episcopal a cidade de Porto Nacional, no centro do estado do Tocantins, é uma circunscrição eclesiástica da Igreja Católica Apostólica Romana que abrange 31 municípios do centro, sul e sudeste do estado. Nessa diocese, os ritos e festividades da religiosidade dos fieis possuem traços bem marcantes de influência do catolicismo do período Imperial e de culturas afrodescendentes. O que se verifica nos benditos e ladainhas cantados em latim, nos festejos em honra ao Divino Espírito Santo com as folias do Divino, Nossa Senhora do Rosário, Folias de Reis, Congadas, Cavalhadas, Romaria do Senhor do Bonfim, entre tantas outras manifestações religiosas do catolicismo popular espalhadas por toda a sua extensão. Esse catolicismo popular seria o esteio para a atuação de dois padres e uma freira, entrevistados para a elaboração deste artigo. Entendemos aqui o catolicismo popular na perspectiva de Hoornaert (1974), aquele herdeiro das tradições romanas e também das culturas indígenas e afro descendentes.

Na segunda metade da década de 1970, quando toma posse como Bispo Titular Dom Celso Pereira de Almeida, o catolicismo dessa diocese passou a se envolver mais concretamente nas questões política e social da região. A partir dessa década, vários missionários e missionárias da Europa viam na região as possibilidades de colocar em prática os ideais do Concílio Vaticano II, a partir de seus engajamentos na Teologia Latino Americana. Entre esses estrangeiros, estavam os franceses: padre François Glory, o frei dominicano Henri Burin des Roziers e as freiras espanholas Maria Del Carmem Dobias Pueto e Mercedes de Budallés Diez. Engajados ou identificados com a TL, atuavam também os padres formados na região, recém-ordenados na época, como os padres Osterval Gomes da Glória, Juarez Gomes da Silva e Joatan Bispo de Macedo.

Neste artigo procuramos apontar para o envolvimento de padres e de freiras em atividades religiosas na Diocese de Porto Nacional, cuja proposta era a defesa de trabalhadores atingidos por políticas agrárias que os excluíaam do acesso a terra. Para a compreensão desse envolvimento, em muito afinado com os pressupostos religiosos da TL, fizemos uso de entrevistas orais, na perspectiva da história oral.

A história oral, como referencial teórico-metodológico dentro da abordagem qualitativa, tem sido, com frequência, bastante utilizada por diversas áreas do conhecimento. Vários autores dessa metodologia têm destacado a importância da qualidade da relação que se constrói entre pesquisador e pesquisado. Ao referir-se a esse método e às especificidades que ele possui dentro das ciências humanas, Portelli aponta que a história oral é uma forma específica de discurso. Na definição do autor, a “história evoca uma narrativa do passado, oral indica um meio de expressão. No desenvolvimento da história oral como um campo de estudo, muita atenção tem sido dedicada às suas dimensões narrativa e linguística” (PORTELLI, 2001, p.10). O autor ainda define “a história oral como o gênero de discurso, no qual a palavra oral e a escrita se desenvolvem conjuntamente, de forma a um falar para a outra sobre o passado” (PORTELLI, 2001, p.13).

Uma das possibilidades para se captar uma história da oralidade é a entrevista. Thompson considera a entrevista como possibilidade de “demonstrar compreensão e simpatia pela opinião” dos entrevistados. Para tanto, deve ser sempre acompanhada da maneira correta de se fazer as perguntas (THOMPSON, 1998, p. 254). Para Le Vem *et al* (1997), as entrevistas permitem ao entrevistado uma reformulação de sua identidade, na medida em que ele se vê perante o outro e se percebe “criador da história” a partir do momento em que se dá conta de que, mesmo minimamente, transformou e transforma o mundo, questionando elementos da vida social. Esse momento deve ser contemplado pelas entrevistas, onde o entrevistado se vê como um ator social. Nesta concepção “de objetos da pesquisa, se tornam sujeitos, pois percebem não só sua história de vida, mas seu projeto de vida nesse processo de autoanálise” (LE VEM *et al*, 1997, p. 220).

Para contar a sua experiência a ser transformada em história, o entrevistado precisa recorrer a sua memória. A memória aqui é compreendida como trabalho, tal como Bosi

(1995) a define, isto é, o processo de rememoração exige daquele que recorda um refazer, uma retomada do passado a partir do que foi vivido, até o momento presente.

A memória é a vida sempre carregada por indivíduos e grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente mudança e aberta à dialética da lembrança. No entanto, de acordo com Meihy (1994), seria simplista alegar que a memória é um lugar ou depósito onde ficam arquivadas as lembranças, até porque memória é mais do que isso, é a relação entre memória e visão de mundo que leva os indivíduos a projetarem mais que lembranças quando narram.

Cientes desses cuidados, procuramos explorar a formação teológica dos religiosos entrevistados, o tempo de atuação na região, os motivos que os levaram a assumir o evangelismo com opção pelos pobres, as afinidades com a TL, as práticas decorrentes dessa afinidade e, por último, como o catolicismo popular abriu caminhos para um tipo de evangelismo com engajamento social.

Na organização do artigo, em um primeiro momento, vamos nos ater a apresentar os sujeitos da pesquisa – quem são, de onde vieram, a formação teológica recebida. Em seguida, destacaremos o contexto social em que se deram as ações dos entrevistados. Na sequência, apresentaremos os entrevistados agindo em situações de conflito agrário e em que medida seus engajamentos sociais, junto aos pobres, foram devedores da imersão no catolicismo popular da região. Em suas práticas religiosas, procuraram muito mais do que reproduzirem um catolicismo que, até então, não questionava uma ordem política desfavorável aos pobres da Diocese de Porto Nacional. Essa região eclesiástica é muito próxima de regiões onde ocorreu a chamada Guerrilha do Araguaia e também onde atuou o padre Josimo Tavares, morto em 1986, em decorrência de sua atuação na defesa dos pequenos agricultores, posseiros e trabalhadores sem-terra.

2 OS SUJEITOS DAS ENTREVISTAS

Nas entrevistas realizadas, buscamos as memórias sobre as práticas religiosas e sociais dos padres Monsenhores Joatan Bispo de Macedo e Juarez Gomes da Silva e da freira espanhola Mercedes de Budallés Diez. As entrevistas foram realizadas

entre dezembro de 2019 e fevereiro de 2020, a partir de um roteiro de questões apresentadas previamente aos entrevistados e entrevistada.

O padre Juarez Gomes das Silva nasceu em Riachão, no sul do Maranhão, em 02 de novembro de 1952. Na década de 1960, veio junto com a família para a cidade de Gurupi no antigo norte de Goiás. Entrou no seminário São José de Porto Nacional em março de 1974, onde cursou dois anos de Filosofia. Depois disso, cursou quatro anos de Teologia em Juiz de Fora, Minas Gerais. Em junho de 1981, foi ordenado padre, passando a atuar na cidade de Gurupi - TO. Conheceu o trabalho das Comunidades Eclesiais de Bases, atuando em Dianópolis. Fez curso intensivo de Bíblia em São Paulo por um ano; fez mestrado em Teologia Bíblica, no período de 1993 a 1996, em Roma. Atuou como pároco também em Alvorada e em Aliança do Tocantins. Foi Vigário Episcopal de 2010 a 2014 e Reitor do Seminário Interdiocesano do Divino Espírito Santo (SIDES), em Palmas, de janeiro de 2017 a janeiro de 2020. Em 2010 recebeu, do papa Bento XVI, o título de monsenhor. Atualmente é Pároco da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, na cidade de Fátima do Tocantins-TO (SILVA, 2020).

O padre Joatan Bispo de Macedo é natural de Almas-TO, e filho de Joaquim Bispo de Macedo e Inácia Cardoso de Macedo. Estudou os anos iniciais em Almas, ingressando depois no Seminário Menor em Porto Nacional. No Rio de Janeiro, cursou o Seminário Maior, concluindo essa etapa em 1972, quando foi ordenado padre e ficou ali por mais um ano, para concluir estudos complementares. Ao voltar para o norte goiano, passou a atuar como pároco na Paróquia de Dianópolis, em 1973. No dia 06 de agosto de 2018, então sacerdote em Natividade, recebeu, do Papa Francisco, o título de Monsenhor (um título que um padre recebe como homenagem por algum tipo de serviço diferente que tenha prestado). Exerceu as funções de Pároco na Paróquia de Natividade por quase 30 anos. Foi também reitor do Santuário do Senhor do Bonfim, local em que recebeu a maior romaria do Estado do Tocantins, que acontece anualmente de 6 a 17 de agosto. Atualmente é padre emérito, residente em Natividade-TO. Afirma não ser um defensor da TL, mas do Evangelho de Jesus Cristo e, conseqüentemente do povo. Não é defensor, mas possui afinidades evangélicas com ela, inclusive fez questão de ressaltar isso na entrevista (MACEDO, 2020).

A missionária biblista Mercedes de Budallés Diez nasceu em Madri, na Espanha, em 14 de agosto de 1944, e foi naturalizada brasileira em 16 de setembro de 1985. Exerce o trabalho missionário no Brasil desde 1976. Graduiu-se em Pedagogia e Teologia na Espanha, com processo de reconhecimento no Brasil. É mestra em Ciências da Religião, pela Universidade Metodista de São Paulo. Possui doutorado em Biologia Marinha, cursado nas Filipinas, sendo também especialista em estudos da Bíblia, em curso realizado em Jerusalém. É assessora do Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) e também da Ampliada Nacional das Comunidades Eclesiais de Bases (CEBs), grupo de representantes das regionais do Conselho Nacional de Bispos no Brasil (CNBB) e das CEBs, tanto no Brasil como na América Latina. Sua atuação ocorreu principalmente nos temas: leitura bíblica, estudos da religião, ciências da religião e teologia feminista. Veio para a região como religiosa da Congregação Escravas do Divino Coração, congregação formada em 26 de julho de 1885, em Cória, na Espanha. Atuou em um colégio em Dianópolis-TO, mas “para ficar mais próxima dos pobres, saiu da congregação”. Atualmente faz parte da Fraternidade Maria de Nazaré “um grupo pequeno, simples, que nasceu em torno dos empobrecidos e que não quis ser uma grande Congregação Religiosa”. Na atualidade, tem residência em Goiânia-GO, e ministra aula de Teologia Bíblica na prelazia de São Félix do Araguaia-MT (DIEZ, 2020).

3 O CONTEXTO SOCIAL DAS AÇÕES

Na aplicação e na análise das entrevistas partimos da compreensão de que as memórias dos entrevistados envolvem a construção de uma história, a partir de lembranças que delongam por volta de quatro décadas. Sendo assim, estivemos atentos à ideia da “ilusão biográfica” que, para Bourdieu, é uma espécie de ficção de si, apoiada em instituições de totalização e de unificação, que direcionam a atribuição de sentidos e a busca de coerência aos acontecimentos, considerados pelo narrador, como mais significativos na história de sua vida (BOURDIEU, 1986, p.183). Esses religiosos falam de uma trajetória de forma retrospectiva e teleológica, organizando o discurso a partir de determinada sequência representada pelo caráter mutável da memória, que a leva a se construir e reconstruir em cada momento da vida.

A apresentação das entrevistas e as respectivas análises foram organizadas a partir de duas temáticas recorrentes nos depoimentos, a saber: o envolvimento em conflitos no campo na região e o anúncio de uma evangelização coerente com a opção pelos pobres e o respeito à religiosidade popular, contida nos princípios do Vaticano II, na Conferência de Medellín e nos ideais da TL. A chave para a interpretação das memórias relatadas foi tomar cada depoimento em sua totalidade, buscando não só o que foi dito e desdito, como também o que não foi dito, mas percebido nas entrelinhas das falas e nas emoções. As entrevistas e as condições nas quais elas ocorreram, adquiriram um papel importante neste caso. Na trilha de Alessandro Portelli (2001), procuramos estabelecer um diálogo respeitoso entre historiador e o entrevistado.

No desenvolvimento deste tópico, vamos nos ater primeiro às lembranças dos entrevistados, em ações envolvendo conflitos no campo. Foi na segunda metade da década de 1970 e início da década de 1980 que ocorreu o acirramento dos conflitos pela terra na região da Diocese do Porto Nacional. Esse acirramento ocorreu em decorrência da pavimentação da rodovia Belém-Brasília na região (BR-153), na década de 1970 e em razão da construção da ponte sobre o rio Tocantins, em Porto Nacional, em 1979, com infraestruturas que permitiram o avanço da fronteira agrícola e a impulsão das políticas de modernização excludentes no campo, empreendidas pela Ditadura Militar. Para Michi (2015, p. 118), “a partir da construção dessa infraestrutura (ponte sobre o rio Tocantins) e das facilidades oferecidas aos latifundiários, a região passou a ser palco de diversos conflitos pela terra, e atrativa para o grande capital”.

Antes de discorrermos sobre as memórias relativas aos conflitos no campo na região, consideramos importante apresentar como esse ambiente de conflito foi registrado em jornais que circulavam no norte goiano e estão preservados no Arquivo Dom Tomás Balduino, na Sede Nacional da Comissão Pastoral da Terra (CPT), na cidade de Goiânia-GO. Há que se lembrar que a CPT foi criada em 1975, para ser voz da Igreja Católica na defesa dos pobres do campo em momentos de conflitos agrários (ALVES, 2011).

Em 28 de fevereiro de 1980, o jornal *O Popular*, de Goiânia-GO, publicou notícia com o título *CPT denuncia perseguição a religiosos*. Na matéria, o articulista baseou-se na

denúncia da CPT, Regional Centro/Sul de Goiás, envolvendo a demissão injusta das irmãs Carmen Dobias e Mercedes de Budallés do Colégio Municipal de Almas. O mesmo jornal publicou, no dia 15 de agosto de 1981, matéria com o título *CPT denuncia o promotor e o juiz por perseguição*, na qual o bispo da Diocese de Porto Nacional, Dom Celso Pereira de Almeida, então coordenador da CPT Araguaia/Tocantins destacou “que 13 famílias de posseiros da fazenda Cabeceira da Mata no município de Almas, no norte de Goiás, estavam sofrendo perseguições do promotor de justiça de Dianópolis Wilson Antônio de Araújo e que este tinha proteção do juiz Raul Fernandes de Oliveira (Jornal *O Popular*, 15/08/1981).

O jornal *Opção*, de Goiânia-GO, divulgou a matéria *Deputado é acusado de perseguir padre e freira no norte*, no dia 28 de fevereiro 1980. Na matéria foi destacado que o Bispo Dom Celso acusava o deputado federal Antonio Rezende Monteiro, o prefeito de Almas Sisenando Pacini Figueira e o diretor do colégio Abner Araújo Pacini pela demissão injusta das irmãs e ameaças de morte ao padre Joatan Bispo feitas por um pistoleiro.

No dia 23 de setembro de 1981, com o título *Fazendeiro acusa a CPT de atacar juiz e promotor*, o jornal *O Popular* publicou a defesa que Arciolino Garcia Moreira sobre as acusações da CPT Araguaia/Tocantins contra ele e também contra o juiz de direito e o promotor de justiça da comarca de Dianópolis. O jornal *Folha de Goiás*, com sede em Goiânia-GO, em nota do dia 18 de setembro de 1981, também divulgou a defesa de Arciolino, que tinha ido até a redação do jornal prestar esclarecimentos. A defesa foi publicada com o título *Terras de Dianópolis estão em conflito*.

O jornal *O São Paulo*, editado em São Paulo-SP, no dia 24 de dezembro de 1981 publicou o seguinte título *Gurupi – GO pistoleiros x posseiros*, no qual noticiava: “Agropecuária de Gurupi – Agropig S/A de Goiânia há mais de um ano vem perseguindo cerca de 100 posseiros numa área de mil hectares do município de Peixes, norte de Goiás.” O jornal ainda publicou, no dia 23 de julho de 1981 a matéria *A Agropig S.A. ataca*, noticiando a invasão da casa de um dos posseiros pelos empregados da Cia Agropig e os protestos da CPT em relação ao fato. São essas notícias que marcam o ambiente social que permeia as lembranças dos entrevistados.

4 ENVOLVIMENTO EM CONFLITOS NO CAMPO NA REGIÃO E OPÇÃO PELOS POBRES NA PRÁTICA EVANGÉLICA NASCIDA DA RELIGIOSIDADE POPULAR

Ao iniciarmos as entrevistas sobre as ações de padres e da freira da diocese nesse ambiente de conflitos, procuramos saber quais eram essas ações e se elas eram orientadas pelos princípios da TL. O padre Joatan Bispo de Macedo, ao ser questionado sobre quando teve o primeiro contato com os ideais da TL, respondeu que nunca tivera nenhum contato com os pressupostos teóricos dessa teologia e não tinha, até aquele momento, lido nada sobre os teólogos da libertação. Em seu relato destacou ter sentido necessidade de ficar ao lado do povo que sofria o processo de exclusão do campo. Afirmou que suas práticas evangélicas, iniciadas na região em 1973, eram baseadas somente na prática libertadora de Jesus e seu Evangelho: “então a gente teve que tomar uma posição diante da realidade olhando o Evangelho” (MACEDO, 2020).

Embora informado que nossa intenção eram as memórias das práticas religiosas do final da Ditadura Militar, o padre Joatan sempre trazia em sua fala as situações atuais do contexto político, econômico e social. Isso remete à afirmação de Halbwachs (1990) sobre as imagens do passado não estarem prontas numa galeria subterrânea de nosso pensamento, e sim na realidade atual, onde se encontram as indicações para a reconstituição de partes de um passado, sempre a partir de situações do presente. O padre acrescentou: “Jesus foi e nós devemos ser contra este sistema de exploração e de extorsão e de expulsão do povo do seu instrumento de trabalho”. E continuou: “é um crime eliminar da mão do povo o seu instrumento de trabalho que é a roça que é a terra” (MACEDO, 2020).

A preocupação em expor a indignação em relação às invasões de terra na região estava presente na fala do padre a todo o momento. Indagado mais uma vez sobre a influência da TL em suas posturas religiosas, fez questão de lembrar que não praticava uma ação política, mas uma ação de defesa do povo: “foi um trabalho não de invasão de terra não, foi um trabalho de frear os invasores das terras do povo defendendo o povo a permanecer no seu lugar”. O padre fez, então, uma analogia ao sermão que fizera na homilia da missa celebrada minutos antes da entrevista: “veja o

que eu preguei hoje. Salomão usou o povo e o templo para manter-se no poder! E olha, Jesus fez o contrário, vai na praça a atender o povo” (MACEDO, 2020).

No caso do Padre Juarez Gomes das Silva, quando o questionamos sobre seu primeiro contato com os conflitos no campo na região, respondeu que tinha sido em Dianópolis, em 1976, quando ainda era seminarista, por ocasião da primeira assembleia para a criação das CEBs na Diocese de Porto Nacional. Lembrou que seu envolvimento se deu em decorrência da defesa que fazia dos camponeses. Fez questão de mencionar sua indagação sobre o fato de existirem muitos posseiros na região que estavam sendo expulsos porque não tinham título para comprovar a posse, ao contrário de alguns poucos fazendeiros que burlavam a lei para fazer essa comprovação.

Então havia uma legislação no Brasil, sobretudo depois que se instalou o regime militar, que dizia o seguinte: quem é que tinha a precedência, o direito a terra? Aquele que está lá cultivando. [...] O que acontecia em nossa região. Fazendeiros, mas também moradores mais “espertos”, políticos sagazes de nossa região, lá em Dianópolis. Eles eram “espertos”, o que eles faziam? Saíam pelos sertões visitando os sertanejos. O que estava acontecendo, estavam vindo gente do centro sul do Brasil, de São Paulo, Minas Gerais querendo comprar terras aqui, investir em terras aqui. O que eles faziam, iam lá convenciam o posseiro a entregar, vender a terra por um precinho preço de banana, bem baratinho e eles pegavam essa terra e vendiam por muito dinheiro pra gente de fora (SILVA, 2020).

O padre estava se referindo ao Estatuto da Terra, Lei n. 4.504/1964, promulgada em 30 de novembro de 1964, o qual passou a reconhecer o direito de propriedade daqueles que demonstrassem a posse da terra, os direitos daqueles que a arrendavam e também dos trabalhadores em terra alheia. Trata-se de uma memória que vem à tona a partir do conhecimento do contexto do passado e do presente, como lembram Meihy (1994) e Bosi (1998).

Na sequência, o padre Juarez, referindo-se aos trabalhos da CPT Araguaia/Tocantins, a qual tinha como coordenador o próprio bispo da Diocese, Dom Celso, acrescentou que não dava para ver os posseiros sendo enganados e expulsos de suas terras por não poderem comprovar a posse e não fazer nada. Não havia como não se indignar com a concentração de terra: “então quando a gente viu, teve que

intervir”. Para ele, “o próprio posseiro não percebia o valor da terra e vendia por um valorzinho, aí começaram a se instalar os latifúndios” (SILVA, 2020).

Quando questionado se a Teologia da Libertação havia influenciado sua atuação religiosa, respondeu: “Houve influência sim. Dom Celso abraçou essa causa e também sofreu por causa disso, ele foi levado aos tribunais por causa disso”. A esse respeito, lembrou ainda de “Dom Tomás Balduino, Dom Pedro Casaldáliga no Mato Grosso, no sudeste do Araguaia e outros bispos por aí, eram chamados de bispos comunistas” (SILVA, 2020).

Sempre com a preocupação de não ser associado ao comunismo, fez questão de frisar várias vezes não ter se envolvido em atitudes ilícitas, que sua preocupação era sempre zelar pelos princípios do evangelho. O que se nota, na lembrança narrada, é que a memória dos padres entrevistados trazia, como função primeira de suas ações, o fazer religioso, sendo a ação política uma decorrência, da qual tentavam se distanciar. Isso é o que Meihy (1994) chama de dialética da lembrança. Ao lembrar, o presente impõe seu peso. Ao ser inquirido sobre as perseguições que os religiosos sofriam, devido às suas práticas de evangelização, respondeu:

Padre Osterval uma vez foi afrontado por um pistoleiro. Botou o revólver na cara dele e falou assim: “fala alguma coisa aí seu padre filho de uma égua!” Ele não disse nada, ficou calado, mas ele estava disposto a matar o padre. Depois... Ele tinha fama de pistoleiro. (*pausa*) E o padre não desistiu, ficou até o fim, enquanto pôde. E graças ao apoio da Igreja esses posseiros conseguiram conquistar o direito da terra, até hoje tem deles lá (SILVA, 2020).

Essas memórias apontam um tempo de violência e de medo, o que era comum em regiões do norte do estado de Goiás. Foi nesse ambiente de grilagens e violências, que os princípios da TL, ou do evangelho com os pobres, foram assumidos como forma de práticas religiosas.

Ao ser questionada sobre o contexto social e sua atuação na Diocese de Porto Nacional, nas décadas de 1970 e 1980, a missionária Mercedes de Budallés nos apresentou o ambiente social de expulsão dos posseiros pelos grileiros já apresentado pelos dois padres anteriores. Para ela, “a situação da grilagem de terra na região de Porto Nacional começou a nos inquietar pela violência na expulsão dos chamados posseiros pelos grileiros”. Nessa realidade, destacou: “nos colocamos ao lado do povo

para isso, nos integramos na Comissão Pastoral da Terra (CPT), na defesa dos posseiros que eram os pobres e precisavam tirar seu sustento da agricultura” (DIEZ, 2019). Por seu posicionamento político social, ao lado dos camponeses e sua participação na CPT, a freira, também professora no Ginásio Municipal de Almas, foi demitida sem justa causa e sem aviso prévio, juntamente com a colega Carmem Dobias. Ao ser inquirida sobre os motivos das perseguições que sofrera, respondeu:

Muitos dos nossos governadores e deputados eram grileiros que tinham expulsado posseiros das suas fazendas atuais. Falar contra a grilagem, dizer que Deus quer terra na terra para todos! Atingia a muitos políticos (DIEZ, 2019).

Ainda sobre as perseguições sofridas por aqueles que se posicionavam ao lado dos posseiros e lavradores da região, a freira, recordando-se de sua luta, juntamente com a colega Carmem e o Padre Joatan, pela criação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Dianópolis, solicitou que ficasse registrada na entrevista a seguinte lembrança: “passamos três dias em Dianópolis, ainda sabendo que éramos vigiados e mal interpretados pelos políticos da região”. Porém, fez questão de lembrar que um juiz de outra comarca “sabia da realidade e sofrimento dos posseiros que perdiam suas terras para serem vendidas a paulistanos e sulistas”. Dessa forma, o juiz, “com sábias e acertadas perguntas, desnor-teou os acusadores do Padre e, assim, facilmente, ficou provada sua inocência” (DIEZ, 2019).

No que se refere ao anúncio dos evangelhos aos pobres, a linguagem teológica da TL parte do princípio de que anunciar o evangelho é missão de todos cristãos e cristãs. Já a opção pelos pobres é a escolha que esses fazem em dedicar suas ações para além de práticas de caridade, isto é, ajudar o pobre a superar sua condição social de pobreza.

O padre Joatan, quando questionado sobre sua opção de prática evangélica junto aos pobres, respondeu que essa era uma forma de fazer “um trabalho de evangelho inserido na realidade. Não é pegar a palavra, correr com ela para o coração como nossos irmãos fazem”, referindo-se a cristão de outras denominações. “Para eles, Cristo é o meu salvador pessoal” e a fé não podia ser condição de alienação: “agora aliena, alienar você sabe o que quer dizer! Desconhecer, desvalorizar o social, o problema, o político, o econômico (MACEDO, 2020). A memória desse padre

evidencia o tipo de prática evangélica que representava o catolicismo engajado nas causas políticas e sociais, sem que isso significasse desprezar o catolicismo popular praticado nas regiões interioranas.

Tais práticas do catolicismo popular foram lembradas na experiência do padre Juarez com as chamadas desobrigas, um cumprimento do preceito quaresmal, que, no norte de Goiás, ir ao encontro dos moradores da zona rural era considerado uma forma de evangelização (ROSA, 2016).

Após discorrer sobre a preparação das visitas, o padre lembrou: “várias vezes, de 81 a 87 todo ano eu ia, no mês de junho, no finalzinho de junho começo de julho eu saía, fazia 15 até 20 dias para os Gerais de Almas e depois, é, no final de agosto começo de setembro eu descia para o sertão de Dianópolis”. Nos locais visitados, à “noite, terminava a janta, a gente rezava o terço, dentro do terço a gente lia um trecho da Palavra de Deus e explicava para o pessoal”. Em seguida, ele lembrou que “ia atender as confissões, quem queria confessar, se alguém queria se casar a gente ia fazer as anotações do processo, preparava pro casamento, atendia as confissões, se tinha batizados a gente anotava os batizados que ia fazer”. O entrevistado rememorou que, já no outro dia, “logo cedo, às sete horas celebrava a missa, dentro da missa celebrava o casamento e no final da missa os batizados”. Para finalizar, destacou: “a gente terminava tudo, tomava um banho, almoçava (*estalo de dedos*) pegava o animal e (*expressão de saída com as mãos*). Quinze vinte dias eu fiz isso durante seis anos” (SILVA, 2020).

Nessas desobrigas, os padres incentivavam a oração do terço em família, a devoção aos santos, a reza dos benditos. Sobre a importância da religiosidade popular, o padre Joatan a entende como uma forma de resistência do povo pobre, uma maneira dele dizer aos que têm muitas posses que eles: “não são donos de nada, que o povo está na deles, o povo está vivendo a vida deles”. Salientou que, se não podiam usufruir da riqueza do país, podiam viver plenamente suas vidas nas festas de casamentos, batizados e nas folias (MACEDO, 2020).

A religiosidade popular, como expressão de resistência e valorização da vida das pessoas simples, emerge também na fala da irmã Mercedes de Budallés, que tomada pela saudade de tempos passados, lembrou sua atuação no município de

Conceição do Norte, no antigo norte goiano, hoje no estado do Tocantins. Nos momentos de celebração, nos quais as irmãs eram recebidas com carinho “criamos mutirões de costureiras, atrações festivas para crianças e jovens, teatro, concursos de benditos etc.”. Assim, o evangelho com os pobres era praticado no “sertão, nos terços do povo, visitar e partilhar com o povo sua vida e necessidades” (DIEZ, 2019).

Uma das questões que nos instigou a fazer as entrevistas foi saber como os fiéis católicos do sertão recebiam os religiosos que atuam em suas paróquias dotadas de um discurso de forte teor político. As falas sinalizam, nas entrevistas, que a valorização da religiosidade popular abria as portas para a aceitação do evangelho engajado. Por meio do catolicismo popular, anunciava-se o evangelho aos pobres.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas entrevistas que realizamos, uma das ferramentas da história oral, percebemos como ocorre o engajamento social, na perspectiva da religião ou de outra forma, como uma vivência religiosa pode se transformar numa prática social. As memórias apresentadas possibilitaram verificar que esse catolicismo social, praticado na esteira da religiosidade popular, ainda possui raízes profundas no meio católico, mais ainda em dioceses interioranas.

Notamos também que a Teologia da Libertação serviu de base para a formação dos religiosos entrevistados, não sendo esse, todavia, o único modelo teórico e teológico a incentivar práticas religiosas e sociais. Nesse sentido, um dos entrevistados afirmou que não teve contato com a literatura dessa teologia, e que atuava somente em fidelidade aos evangelhos. Para esse, foi o desejo da mudança, em situações de pobreza, que o instigou às ações sociais.

Verificamos, nas memórias narradas, que as desigualdades na ocupação de terras, nos limites da Diocese de Porto Nacional, despertaram um fazer religioso pertinente às necessidades das pessoas que empobreciam em razão dessa realidade. Essa opção por estar ao lado dos atingidos pela injustiça no campo acarretou perseguições aos entrevistados, mais precisamente à Irmã Mercedes. Há de se destacar, no entanto, que a hierarquia da Igreja Católica não se omitiu na defesa de seus religiosos. Nas entrevistas ficou perceptível que as ações valorizadas pelos depoentes eram as

de cunho evangélico, pois ressaltaram não concordarem em ser chamados de comunistas. Assim, o termo político, em suas compreensões, não poderia ser o único a identificar suas práticas religiosas.

Por fim, nas memórias dos entrevistados, o engajamento social assumido não ocorreria sem que houvesse a valorização do catolicismo popular, aquele que inspira as populações interioranas a compartilhar a fé, alegrias, as dores e as esperanças do cotidiano. Sem novenas, benditos, romarias, ladainhas, o povo pobre não entendia o discurso social e político.

REFERÊNCIAS

ALVES, Amone Inácia. **A Comissão Pastoral da Terra e o “aprendizado social” construído a partir da experiência na Fazenda Estiva/São João do Bugre, GO.** Jataí, GO, vol. 1, n.10, 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/20430-Texto%20do%20artigo-84882-1-10-20120926.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2020.

BOFF, Clodovis; BOFF, Leonardo. **Como fazer teologia da libertação.** Petrópolis: Vozes, 2010.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. **Vértice - Revista dos Tribunais**, São Paulo, 1990. Disponível em: <https://www.google.com/search?client=fir>. Acesso em: 07 abr. 2020.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do Catolicismo brasileiro, 1500-1800.** Petrópolis: Vozes, 1974.

JORNAL FOLHA DE GOIÁS. Goiânia: Centro de Documentações Dom Tomás Balduino, 18 de setembro 1981.

JORNAL O POPULAR. Goiânia: Centro Documentação Dom Tomás Balduino, 28 de fevereiro de 1980-1981.

JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO. Goiânia: Centro de Documentações Dom Tomás Balduino, 1981.

JORNAL OPÇÃO. Goiânia: Centro de Documentações Dom Tomás Balduino, 1980.

LE VEM, Michel Marie et al. História oral de vida: o instante da entrevista. *In:* VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes (org.). **Os desafios contemporâneos da história oral.** Campinas: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1997.

LEI 4.504, de 30 de novembro de 1964. **Presidência da República**. República Federativa do Brasil. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4504.htm. Acesso em: 22 jan. 2019.

MECHI, Patrícia Sposito. Modernização excludente e conflito social na região do Tocantins nas décadas de 1970 e 1980, **Revista Textos & Debates**, Boa Vista, n.25, p. 117-129, referência 2014. Publicação 2015. Disponível em:

<https://www.google.com/search?client=firefox-b>. Acesso em: 16 abr. 2020.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MEIHY, José Carlos. **Definindo história oral e memória**. Caderno CERU – Série 2. São Paulo, n. 5, p. 52-60, 1994.

PORTELLI, Alessandro. História oral como gênero. **Projeto História**. São Paulo, n.22, p. 9-36, jun. 2001.

ROSA, Rafael Lino. **Dor e sacrifício**: o imaginário católico vilaboense. Tese de Doutorado, 2016. Disponível em:

<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/3587/2/RAFAEL%20LINO%20ROSA>. Acesso em: 20 jul. 2020.

SILVA, Sandro Romero Ferreira da. **Teologia da Libertação**: revolução e reação internalizadas na igreja. Dissertação de Mestrado em História Contemporânea. Universidade Federal Fluminense, UFF, Niterói, 2006.

THOMPSON, P. **A voz do passado – História Oral**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998. Livro em PDF. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/es85n5>. Acesso em: 17 nov. 2019.

FONTES ORAIS

DIEZ, Mercedes de Budallés (Missionária espanhola, 76 anos) - [dez. 2019]. Entrevistadora: Janildes Curcino Sarzêdas, Conceição do Tocantins-TO. 07 de dezembro de 2019.

MACEDO, Joatan de (Padre diocesano, 78 anos) - [fev. 2020]. Entrevistadora: Janildes Curcino Sarzêdas, Conceição do Tocantins-TO. 10 de fevereiro de 2020.

SILVA, Juarez Gumes da (Padre diocesano, 68 anos) - [jan.2020]. Entrevistadora: Janildes Curcino Sarzêdas, Palmas-TO. 14 de janeiro de 2020.